

A leitura e a construção de sentidos a partir da gíria LGBT+¹ no gênero “meme”

La lectura y la construcción de significados de la jerga LGBT+ en género “meme”

André Luiz Souza da Silva²
Iara Ferreira de Melo Martins³

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a construção de sentidos no gênero “meme” a partir da gíria do grupo LGBT+. Nessa direção, interessa-nos a análise de viés qualitativo, considerando a interpretação e a descrição como metodologia, uma vez que nos valemos da associação de conhecimentos provenientes de vivências socioculturais. Desse modo, é interessante identificar os sentidos produzidos pelos memes selecionados, considerando a gíria como um contexto metalinguístico específico que direciona compreensões alternativas diante do ato de ler. Assim, enaltecemos a teoria das concepções de leitura, juntamente com os conhecimentos prévios: linguísticos, textuais e enciclopédicos, no processo de análise, considerando a produção de sentido como uma ação interpretativa que vai além do texto, isso por considerar o contexto digital como o espaço onde essas leituras se produzem e reproduzem. A análise será feita à luz da linguística textual, com base em Koch & Elias (2006, 2015), Kleiman (2016), Marcuschi (2008), Xavier (2010), entre outros. No mais, a produção de sentido mostra-se de caráter múltiplo, uma vez que o signo gírio aciona a interpretação de questões intertextuais, críticas e cômicas, as quais remetem a contextos extralinguísticos também específicos.

Palavras-chave: *Leitura. Produção de Sentidos. Gênero “meme”. Gíria LGBT+*

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar la construcción de significados en el género "meme" basado en la jerga del grupo LGBT+. En esta dirección, estará interesado en el análisis de sesgo cualitativo, considerando la interpretación y la descripción como metodología, ya que usa la asociación del conocimiento de nuestras experiencias socioculturales. De esta manera, es interesante identificar los significados producidos por los memes seleccionados considerando la jerga como un contexto metalingüístico específico que dirige entendimientos alternativos frente al acto de lectura. Así, enaltecemos la teoría de las concepciones lectoras, junto con el conocimiento previo: lingüístico, textual y enciclopédico, en el proceso de análisis, considerando la producción de significado como una acción interpretativa que va más allá del texto, considerando el contexto digital como espacio donde se producen y reproducen estas lecturas. El análisis se realizará a la luz de las contribuciones de Koch & Elias (2006, 2015), Kleiman (2016), Marcuschi (2008), Xavier (2010), entre otros. Además, se muestra que la producción de significado es múltiple, ya que el signo jerga desencadena la interpretación de cuestiones intertextuales, críticas y cómicas, que complementan contextos extralingüísticos específicos.

Palabras clave: *lectura. Sense Production. Meme género. Jerga LGBT+*

¹ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e mais.

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba.

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Recebido em: 11/02/2020.

Aceito em: 10/10/2020.

Introdução

Na contemporaneidade, a internet tem possibilitado diversas pesquisas, sendo um espaço de interação a partir do qual os indivíduos inovam as formas de comunicação. Desse modo, o ambiente digital tem oportunizado estudar gêneros digitais, interações virtuais, variedades linguísticas e outros fenômenos da linguagem. É nesse contexto digital, pois, que estabelecemos o *corpus* desse trabalho, fenômeno conhecido como “meme da internet”.

Na relação entre a língua e seu uso efetivo, a partir de gêneros, observamos que os sujeitos sociais ou sociovirtuais passam a interagir na internet com diversas linguagens, inclusive com as gírias, possibilitando a construção de sentido em direções alternativas. Emergindo arcabouços da leitura, iremos nos ater às postulações de Koch; Elias (2006, 2015), mas também às de Martins (1989) e de Kleiman (2016), considerando que o sujeito que fala, se comunica, lê, e age pela interação, constituindo uma prática social, e toda prática social se dá pela linguagem.

Esta pesquisa é de paradigma qualitativo com caráter descritivo/interpretativo. As análises estão direcionadas para três memes, todos apresentando vocábulos gírios. O objetivo deste trabalho é analisar a construção de sentido no gênero meme de internet a partir da gíria de LGBTQ+. Para tal ação, selecionamos memes na rede Facebook e/ou Instagram, especificamente aqueles que apresentam gíria da comunidade em tela.

Este artigo estrutura-se de seguinte forma: após esta introdução, realizamos uma explanação sobre as concepções de leitura, caminhando para as discussões sobre conhecimentos prévios e finalizamos as discussões teóricas com a leitura no contexto digital. Feito isso, apresentamos o caráter metodológico, indicando a seleção do *corpus*, em seguida para a análise dos memes, considerando os aspectos linguísticos e extralinguísticos. Por fim, as considerações finais, seguidas das referências que ancoram nossas reflexões.

Concepções de leitura

Nossas atividades cotidianas são intermediadas por nossas atitudes enquanto falantes/escritores e ouvintes/leitores, ao considerarmos a premissa dialógica da linguagem. Interagimos, pois, por intermédio da língua, a qual possui um código que nos revela significados, que conseqüentemente nos aciona conhecimentos prévios diversos, sejam eles do mundo ou do texto. Essas revelações imbricam-se por intermédio de nossas leituras. Para tanto, podemos indagar a respeito da leitura: “[...] o que é ler? Para que ler? Como ler? Evidentemente, as perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos, os quais revelarão uma concepção de leitura decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 09).

Ao tratarmos da concepção de leitura com *foco no autor*, na qual a língua é concebida como um algoritmo do pensamento, consideramos o sujeito em sua individualidade e que o

mesmo é dono de seus desejos e vontades. Dessa forma, pautamos que essa concepção postula uma visão egocêntrica do sujeito escritor. A partir disso, considera-se o texto como um produto de um sujeito que fornece as informações necessárias para se entender um texto, isto é, cabe ao leitor apreender as intenções do autor. Assim, o leitor encontra-se numa posição de passividade em relação ao produtor textual, bem como a seus ideais (KOCH; ELIAS, 2006).

Com a atenção voltada, agora, para *o texto*, temos a concepção de língua centralizada no sistema linguístico, ou seja, a língua enquanto código que deve ser decodificado. O leitor é visto com valor de assujeitamento, no qual a língua é tida como uma simples ferramenta da comunicação, por meio da qual os sujeitos estão passivos ao sistema (pré)estabelecido, valendo ressaltar que este assujeitamento não só é de valor linguístico, mas também social. O texto é visto como um “texto pelo texto”. Dessa forma, o construto textual é uma codificação realizada por um emissor, na qual cabe ao leitor única e somente uma ação decodificadora (KOCH; ELIAS, 2006).

Porém, isso não é o bastante. Então, passamos a considerar os sujeitos não só como leitores do código ou “psicólogos” do autor, passamos a tomar o leitor como agente e reagente do processo de leitura. O foco se estabelece em uma tríade: *foco no autor-texto-leitor*, de valor interacionista, pois passa a posicionar um segmento que considera tanto as concepções anteriores, como avança, retirando o leitor de seu papel passivo. A língua nessa perspectiva é de viés dialógico. Os sujeitos sociais passam a ser agentes que edificam e se edificam diante do texto, e são valorizados o local da interatividade e da construção dos interlocutores, consoante Koch & Elias (2006).

A partir do ato de seleção do texto, a ação de ler será posta à prova, no momento em que o leitor buscar dar sentido ao texto que se dispõe a ler. A respeito do sentido, devemos estabelecer que “é por essa razão que falamos de *um* sentido para o texto, não *do* sentido, e justificamos essa posição, visto que, na atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimento textuais [...]” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 19, grifos das autoras).

Como bem estabelecido pelas autoras acima, a leitura irá comportar conhecimentos acerca da língua e do mundo, portanto, a leitura e a construção de sentidos se darão pela “bagagem” cognitiva. É considerável que ao produzir um texto o autor pré-estabelece um receptor, isto é, um leitor fictício. Nesse caso, a veiculação de textos no suporte midiático (internet) considera o leitor um internauta, não necessariamente LGBT+, e que desfruta de redes sociais e sites de busca. A leitura no espaço digital é de caráter plural, uma vez que os elementos constituintes do espaço virtual são de caráter multimodal. As leituras de textos digitais validam-se de nossas memórias e aprendizados variados, pois a internet abarca construtos que se tornam atemporais, isto é, não existe algo velho ou novo no mundo real que não possa alcançar um status de novidade no espaço digital.

A comunicação mediada pelo computador, como afirma Recuero (2014), não diz respeito apenas aos subsídios técnicos das ferramentas nem somente à linguagem escrita, pois há na internet uma pluralidade de aspectos como sociais e culturais que precisam e devem ser levados em consideração. Assim, a partir de Koch; Elias (2006, p. 35), consideramos que “[...] no processo de leitura, o leitor aplica ao texto um modelo cognitivo, ou esquema, baseado em conhecimentos armazenados na memória. O esquema inicial pode, no decorrer da leitura, se confirmar e se fazer mais preciso, ou pode, no decorrer da leitura se alterar rapidamente”.

A internet, por ser um espaço de semioses diversas e que vem acompanhada de variados discursos - entendamos discurso neste contexto como algo que um texto produz ao se manifestar em alguma situação -, necessita que o leitor vá além da concepção de leitura do código ou de ideias de outrem, ele deve fazer-se presente no processo de produção de sentidos. Afinal, como afirma Kleiman (2016, p. 15):

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo.

Portanto, é neste pressuposto de interação que compreendemos a leitura como um acionamento de estratégias prévias: conhecimentos linguísticos, de mundo e textual, que viabilizam conceber sentido ou sentidos a um texto, pois o leitor/internauta passa a potencializar suas memórias a fim de que seus conhecimentos prévios o caminhem para leitura(s) múltipla(s).

Conhecimentos prévios como instrumentos necessários à construção de sentidos

A partir das premissas já refletidas, podemos afirmar seguramente que os conhecimentos prévios do leitor são uma das ferramentas essenciais no processo de produção de sentido(s). O que Kleiman (2016) aponta como conhecimentos prévios, Koch; Elias (2006) apresentam como estratégias de leitura, conforme vemos abaixo:

Na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação estratégias sócio-cognitivas. Essas estratégias por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizam vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória, [...]. Dizer que o processamento textual é estratégico significa que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos. Para termos idéia (sic) de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir dos quais elaboramos hipóteses de interpretação (KOCH; ELIAS, 2006, p. 39).

O *conhecimento linguístico* é aquele que está explícito, que é verbal e que possibilita que falemos e entendamos a língua portuguesa como nativos. Este conhecimento se postula desde o conhecimento de regras linguísticas e arcabouço vocabular até nosso conhecimento sobre como usar a língua. De acordo com Kleiman (2016), o elemento linguístico é de valor central no constituinte textual, logo, obter este conhecimento é o primeiro passo para o desenrolar de uma leitura significativa. Assim, Koch & Elias (2006, p. 40) estabelecem que

Abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseados nesse tipo de conhecimento, podemos compreender: a organização do material linguístico (sic) na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou seqüenciação (sic) textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados.

O segundo conhecimento, o *conhecimento textual*, que de acordo com Kleiman (2016), é a capacidade adquirida pelo leitor, graças à sua relação com diversos textos. Ou seja, quanto mais tipos de textos o leitor tem contato, seja lendo ou produzindo, maior aptidão leitora ele terá diante de variados gêneros textuais ou literários, como estabelecem Koch & Elias (2006, p. 54): “permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social.” Entendamos que, no momento em que o leitor sabe qual gênero está lendo, ele elabora estratégias que o levarão a uma leitura mais ampla, pois saberá a que elementos deve se ater para que algum sentido seja elaborado.

Consequente, trazemos o *conhecimento enciclopédico*, que é pautado em nossas aprendizagens do mundo, indo além do signo linguístico, isto é, extralinguístico. É a partir deste conhecimento que Kleiman (2016) aponta sua extrema utilidade, pois, de acordo com a autora, essa informação prévia deve estar sempre acionada e não perdida no conhecimento da mente. Como afirmam Koch & Elias (2006, p. 42, grifo das autoras), o conhecimento de mundo “refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo – uma espécie de *thesaurus* mental – bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos”.

Assim, como estabelecem as autoras, este conhecimento é como um tesouro da e na mente. A memória torna-se um cofre de preciosidades. Este conhecimento é de valor muitíssimo significativo, pois ele vai além do *corpus* linguístico como já dito. O ato de ler o espaço que vivemos antecipa-se ao ato de ler o signo linguístico. É algo irrefutável e que se valida de outro fato pertinente que é sobre como nossas aprendizagens cotidianas enraízam-se como ferramentas que nos proporcionam letramentos diversos.

A respeito disso, Kleiman (2016, p. 24) explica que o “[...] conhecimento de mundo, geralmente adquirido informalmente, através de nossas experiências e convívio numa sociedade, conhecimento este cuja ativação no momento oportuno é também essencial à compreensão de um texto.” A autora estabelece ser um conhecimento de concepção informal, ou seja, não é advindo só da escola, mas também das ruas, de casa e das variadas experiências que todo e qualquer indivíduo possa ter. Para tanto, vejamos:

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto a inúmeras leituras (MARTINS, 1989, p. 28).

A ação de leitura é resultado de um diálogo entre sujeito e objeto, isto é, texto e leitor. Dessa forma, a leitura também pressupõe, de acordo com Martins (1989, p. 29), “[...] transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular”. Logo, o acesso a variadas informações e aprendizados modifica nossa visão do mundo em particular e nos possibilita questionar as realidades.

Do papel para a tela: aspectos da leitura no ambiente digital

A leitura no contexto digital se faz por intermédio das interações com as novas tecnologias. Na era digital, passamos a compreender que a leitura “salta” do papel para emergir nas telas, por meio dos notebooks, tablets, computadores e celulares. É comum, inclusive, que haja dois tipos de recepção em relação ao avanço tecnológico, vejamos:

Toda inovação tecnológica costuma ser saudada com reações imediatas de dois tipos e, muitas vezes, simultâneas, gerando situações um tanto paradoxais. Ao mesmo tempo há entusiastas que celebram o novo invento e os possíveis benefícios que ele poderá trazer para a humanidade, também há sempre um pequeno grupo de céticos que, desconfiados, costumam proclamar desastre iminente de proporções apocalípticas (RAJAGOPALAN, 2013, p. 38).

Assim, a tecnologia passa a fornecer objetos de fascínio e medo. Neste texto, entretanto, recepcionamos a internet de forma entusiasmada, porque cremos que a tecnologia possibilita novas ações humanas, permite que os sujeitos passem a desdobrar e propagar seus conhecimentos de cunho sociocultural e linguístico na rede. Dessa forma, os sujeitos criam e recriam conhecimentos e também transformam o conhecimento.

Como Carvalho & Kramer (2013) apontam, a internet é um contexto midiático no qual os sujeitos desempenham funções de atores sociais: suas ações não são engessadas e os sujeitos virtuais são escritores e leitores simultaneamente. Os sujeitos recebem influências sociais, políticas e linguísticas durante os atos, sejam eles de leitura ou de escrita. Afinal, a leitura transforma as formas de ver o mundo de todo e qualquer indivíduo.

Graças aos mecanismos propostos pelas redes sociais, os internautas têm a possibilidade de alternar seus papéis de maneira aleatória, seja como escritor, leitor ou apenas como divulgador. Por este prisma, as interações se intensificam, pois, de acordo com Carvalho & Kramer (2013), os sujeitos virtuais podem ir modificando e construindo sentido em tempo real diante das informações. As autoras também apontam que os leitores digitais possuem abertura para aprovar (curtir, compartilhar), porém, também podem condenar e criticar igualmente.

A censura ao leitor neste contexto digital é demasiadamente mais difícil, pois “[...] os recursos tecnológicos que vêm revolucionando os suportes midiáticos estão fazendo os leitores cada vez mais agentes [...]” (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 92). Dessa maneira, os leitores passam a ser agentes tanto da construção da informação quanto dos sentidos, logo, os sujeitos também passam a ser leitores colaborativos, pois a concepção de informação e sentido é flexível e complementar.

No contexto digital, os leitores reafirmam seus papéis ativos, os autores têm seu papel sacro e de detentores da informação postos em segundo plano, pois a leitura neste contexto é de coprodução de sentido, porque os textos constituem-se a partir de variadas informações disponíveis na rede. Assim, os leitores virtuais passam a ser produtores paralelos aos produtores propriamente ditos. A interação entre informações de variadas naturezas é o que passa a constituir os hipertextos. Estes, de acordo com Xavier (2010), são elementos dinâmicos e mistos, uma vez que sua linguagem não é engessada e tem relação com as mais diversas interfaces gráficas que os computadores possibilitam, adicionam e redirecionam imagens e palavras.

Passa-se, então, a constituir o século da tecnocracia, resultante dos avanços tecnológicos e da globalização das relações econômicas e políticas, o que resulta em uma

nova maneira de se ler o mundo. O mundo passa a ser uma grande comunidade, na qual todos os internautas podem ser leitores-ouvintes-falantes-escritores simultaneamente. Nessa direção, a internet passa a ser uma extensão do homem. Afinal, começa-se a constituir a sociedade da informação, na qual a leitura tem sua concepção ampliada, passando a ser *hiper*. Vejamos:

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexivamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital (XAVIER, 2010, p. 209).

Como afirma Xavier (2010), é possível compreender que, por meio de um paradigma de acessibilidade, decifrar o mundo virtual tornou-se potencialmente plausível, tendo em vista que seu caráter imaterial o faz onipresente, o que permite que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer momento e por mais de um leitor ao mesmo tempo. A leitura no espaço digital necessita mais do que mera decodificação, na verdade, qualquer leitura vai além do (re)conhecimento do material linguístico, toda leitura necessita de conhecimentos enciclopédicos, toda leitura é um processo inferencial.

Assim, a compreensão dá-se por um processo inferencial. De acordo com Marcuschi (2008, p. 256), este processo “[...] diz respeito ao modo da produção de sentido que não se dá pela identificação e extração de informações codificadas, mas como uma atividade em que conhecimentos de diversas procedências entram em ação por formas de raciocínio variadas [...]”. Desse modo, a leitura inferencial considera questões de significado, sentido e percepção mental.

A leitura do *corpus* em tela, portanto, se faz considerando contexto extralinguístico e metalinguístico. Estes são influentes na ação interpretativa, o primeiro por estar além do material linguístico e o outro por tratar-se especificamente dele. Vejamos a seguir: “*Contexto extralinguístico específico*: traços específicos da situação referida no texto. *Contexto metalinguístico específico*: traços específicos das circunstâncias linguísticas relevantes para o enunciado em questão” (MARCUSCHI, 2008, p. 246, grifos nossos).

Para o extralinguístico específico, apontamos as situações e contextos que proporcionam as feições de sentido que possibilitam “linkar” o texto com variadas informações sociovirtuais, isto é, conhecimentos das mais variadas naturezas. O metalinguístico específico direciona-se, por exemplo, ao uso de uma variedade linguística mais restrita, ou seja, que possui um grupo seletivo de sujeitos que utilizam e que a fazem significar. Logo, a associação dessas funções contextuais possibilita compreender a leitura no espaço digital como multissignificativa e/ou plurissignificativa.

É possível repensar também a ideia de linearidade no ato de ler, uma vez que há caminhos possíveis e diversificados para a leitura. Porque a relação entre as diversas linguagens proporciona ao leitor a possibilidade de ler de forma não convencional, ou seja, não há uma hierarquia entre partes e seções que devam servir de guia. Como aponta Xavier (2010), a leitura do hipertexto é “à *self-service*”, pois não há **um foco** dominante. Pelo contrário, há vários **focos**, o que caracteriza a base constitutiva do hipertexto, a inovação no ato de ler através da deslinearização. Porém, é necessário compreender que

[...] dentro de um contínuo de linearidade, o hipertexto apresenta um maior distanciamento das formas tradicionais de hierarquizações por ser mais flexível na sua formatação visual, estocagem do material discursivo e, sobretudo, por colocar na mão do usuário um maior controle sobre a seleção das unidades de informação. Todavia, para ser inteligível, o hipertexto – como qualquer outra tecnologia enunciativa – precisa apresentar alguma linearidade, pois não pode subverter os níveis de organização das línguas naturais [...] (XAVIER, 2010, p. 214).

Dessa forma, a leitura no contexto digital estabelece os conhecimentos do mundo, como um conhecimento prévio precioso, já que o acionamento de variadas leituras guardadas na memória possibilita que o leitor abra “janelas” em sua mente, e as mais diversas “abas” irão trazer significados, atribuindo sentido às palavras, às imagens, ao híbrido palavra-imagem. Assim, a compreensão no contexto digital é uma leitura de caráter plural.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), busca-se compreender os fenômenos sociais a partir de um contexto. Assim, é uma abordagem que leva em consideração a pesquisa social situando como ambiente as redes sociais, uma vez que se busca a interpretação dos significados culturais (BORTONI-RICARDO, 2008).

Esta pesquisa é de caráter descritivo/interpretativista. Interpretativa por considerar a interpretação das atividades sociais e também o significado que os sujeitos atribuem a essas atividades e é descritiva por entendermos como a tentativa de explorar e esclarecer os fenômenos por meio de contribuições adicionais a respeito de um conteúdo. Para tanto, também se vale de um método bibliográfico, tendo em vista que as análises irão ater-se, também, a postulações teóricas.

Selecionamos 03 (três) memes para esta pesquisa através dos critérios de presença do vocábulo gírio e uso do recurso imagético. Selecionamos em redes sociais e sites de busca aqueles que se propagaram: a) em meio às redes sociais voltadas ao público LGBTQ+; ou b) aqueles que foram divulgados em redes sem público específico. Nossa busca possuía como elemento central os memes de linguagem híbrida, isto é, linguagem verbal e não verbal. Dessa maneira, os memes foram obtidos através de redes como Facebook e Instagram, mas também de sites de busca como o Google. A constituição do *corpus* dá-se pelas seguintes características:

O primeiro meme foi extraído de uma página pessoal da rede social Instagram, publicado em 20 de julho de 2017, o mesmo faz uma alusão à gíria e a personagem Sheila de *A caverna do Dragão*; o segundo meme foi selecionado a partir da página *Humor Gay* presente nas redes sociais Facebook e Instagram. Esse meme faz uma associação entre a gíria e a cantora brasileira Ludmilla, publicado em 28 de dezembro de 2016 e; o meme três foi selecionado a partir da página do Facebook que se intitula *Harry Potter – Brasil*, e é destinada aos fãs brasileiros da saga de sete filmes Harry Potter. Este último meme apresenta vocábulo gírio que identifica a comunidade LGBTQ+ e utiliza como elemento imagético personagens de um dos filmes da saga Harry Potter publicado em 04 de junho de 2018.

Análise do *corpus*

A conceituação de meme foi feita por Richard Dawkins, na obra *O Gene Egoísta*, de 1976. Dawkins faz um análogo entre a evolução cultural e a evolução genética, no qual o meme é o “gene da cultura”, que se eterniza através de seus replicadores, as pessoas. Desse modo, o meme é um construto de propagação cultural e informativa, como Barreto (2015) esclarece. Conforme Dawkins (1979), os memes podem ser músicas, ideias, modas do vestuário. O nome provém de uma raiz grega *mimeme* que indica diretamente *imitação*.

Nessa direção, Paiva (2018, p. 52) esclarece que o “‘meme’ é a representação de uma evolução cultural que transforma e reorganiza as sociedades, pois funciona como um gene numa memória individual podendo ser copiada, ampliada e disseminada.” Os memes, na contemporaneidade, passam a se propagar na internet e, principalmente, nas redes sociais. Os memes da internet nos alcançam, enquanto sujeitos sociovirtuais, porque nosso cognitivo estabelece relações diversas que nos fazem de ferramentas replicantes desses “genes” culturais. Afinal,

Comunicar-se por meio de aplicativos de bate-papo em smartphones tornou-se recorrente entre jovens e adultos do século XXI. Seja enviando um texto, emoticon, emoji ou áudio; compartilhando vídeos, textos e imagens, é presumível que alguém já tenha recebido ou enviado algum meme, provavelmente sem saber o que é (ESCALANTE, 2015, p. 52).

Ressalta-se que o estudo dos memes, em tela, será formado por um *corpus* multimodal, considerando palavra e imagem. Dessa maneira, constituindo uma linguagem híbrida – verbal e não verbal (elemento imagético). Os memes possuem um alto teor cômico e têm seus valores direcionados ao contexto sociocultural, apresentando textos curtos que facilitam a rápida compreensão.

Os conhecimentos prévios do leitor interagem com memes para a construção de sentidos diante do que é lido. Ou seja, observamos que o processo se dá pela capacidade não unicamente de decifrar sinais, mas sim da aptidão de atribuir sentido a eles. Sobre a produção de sentidos de um texto, Paiva (2018, p. 47) postula que:

[...] o indivíduo faz uso de mecanismos extralinguísticos como conhecimento do assunto, consciência do meio em que está inserido, finalidade, entre outros fatores. Assim, esta prática pode se dar de forma clara, objetiva ou ficar no plano dos subentendidos, dos implícitos, da rede discursiva que permite construir um novo sentido a partir da noção dialógica com que se relaciona.

A autora pauta o fato de os conhecimentos de mundo serem uma ferramenta na elaboração de sentido de um texto e aponta o fato de a consciência do meio ser um mecanismo útil. Isso muito nos interessa, a partir do momento em que o leitor estabelece sentido quando lê meme que apresenta gíria LGBT+, pois mesmo que não perceba ou saiba, detém conhecimentos que são de natureza LGBT+ (SILVA, 2018). O meme se constitui enquanto gênero por ser estrutura flexível que apresenta características culturais de um povo, pois o meme é um construto de representação social, linguística e ideológica. Vamos à análise do primeiro:

Figura 01 - Meme 01: Fazer a Sheila

O BOY FEZ A SHEILA



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BWxkE4uHPXS/?taken-by=hotinside>. Acesso em: 28 ago. 2017.

O meme (01) apresenta texto verbal “o boy fez a Sheila” que podemos analisar da seguinte forma: *Fazer a...* que, de acordo com a dicionária *Aurélia* de Vip & Libi (2013), designa uma expressão que tem o sentido de *dar uma de*, ou seja, *tomar as características e/ou habilidades a quem se refere*. Como apontado por Preti (1984), as gírias possuem um caráter misterioso, mesmo a expressão giriática estando em língua portuguesa, seu significado é criptológico a partir do momento em que o leitor/ouvinte não consegue compreender a que se designa.

A personagem Sheila destaca-se no meme por suas habilidades de tornar-se invisível. Ela é uma personagem do desenho *A Caverna do Dragão*, que foi produzido pela Marvel Productions, TSR e Toei Animation e foi transmitido em três temporadas num total de 27 episódios durante a década de 1980, mais especificamente entre os anos de 1983 e 1985. Na animação, Sheila é um dos seis jovens que acabam, durante um passeio, atravessando um portal que se abre e conduz o grupo a outro mundo. Nesse lugar, os jovens já surgem trajando outras roupas e recebem acessórios mágicos de um ancião que se apresenta como Mestre dos Magos.

A partir de então, esses jovens passam por diversas aventuras no anseio de voltar para casa. Sheila ganha como arma do poder uma capa com capuz que lhe possibilita o poder da invisibilidade. Essa informação é importante e precisa ser recuperada pelos leitores do meme. Observa-se, pois, que a intertextualidade com o desenho é fator decisivo para a atribuição de sentido. Logo, compreender e desvendar este texto só é possível por intermédio dos conhecimentos prévios sobre o desenho e as habilidades da personagem Sheila, uma vez que se dão a partir de um conhecimento de mundo, ou seja, um tesouro mental, como Koch & Elias (2006) estabelecem.

Assim, a habilidade que Sheila tem de desaparecer é o que atribui significado à expressão “fazer a Sheila”. O uso no meio LGBTQ+ significa que o boy (garoto) desapareceu, não se faz presente no relacionamento ou nos eventos sociais do grupo. A associação feita entre a expressão giriática e a habilidade de Sheila é instrumento para o humor por colocar em evidência uma situação social, ou seja, uma situação que possa ser “tipicamente” presenciada pelos sujeitos LGBTQ+. Outrossim, pautamos, a partir de Preti (2010), o caráter criptológico que a gíria possui. Isso também contribui para a constituinte humorística, pois Alonso (2010) explica que o riso da gíria se dá por estabelecer um caráter

“não sério”, isto é, vai de encontro ao convencional e acaba por se colocar fora dos padrões normativos impostos pela sociedade, sejam eles socioculturais ou linguísticos.

É válido comentar que também há marcas de criticidade, pois é comum haver uma crítica dos próprios sujeitos LGBT+ sobre não haver uma durabilidade nos relacionamentos homoafetivos, que os indivíduos gays não perduram seus relacionamentos ou que simplesmente os parceiros/as desaparecem sem dar satisfações. Essas constatações são possíveis por acreditarmos que a leitura está além do texto e além de quem o produz/autor. O sujeito-leitor, pois, precisa colocar em cena seus conhecimentos prévios: conhecimento metalinguístico específico e conhecimento do mundo para a construção de sentidos. Na direção do que se discute aqui, também é válido mencionar os relacionamentos homossexuais femininos, ou seja, lésbicos. Para tanto, vejamos o meme abaixo:

Figura 02 – relacionamento lésbico



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://instagram.com/aitunesof?igshid=fxdehysismai>. Acesso em: 07 out. 2020.

A figura acima foi retirada do Instagram, a qual não temos a predileção de analisar à luz dos mesmos direcionamentos do *corpus* em questão, mas seu conteúdo temático é relevante para refletirmos sobre como há significações sociais diferentes sobre envolvimento amoroso homossexuais masculinos e femininos. Então, podemos identificar que gays não se interessariam em percorrer longas distâncias para relacionar-se amorosamente, diferentemente das lésbicas, as quais teriam atitudes mais “hiperbólicas”, como na manchete divulgadas pelo Uol⁴, no qual uma mulher foge da Rússia de barco para viver com a namorada no Canadá. Ressaltamos que não é de nosso interesse estabelecer verdades a respeito desse assunto, mas de identificar como os sujeitos significam determinados comportamentos e como essas significações atuam no processo de construção de sentidos.

Por intermédio do conhecimento linguístico temos a capacidade de atribuir significado à expressão gíriática presente, assim como dar significado ao termo “boy”, por

⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/05/22/mulher-foge-da-russia-e-dirige-barco-ate-o-canada-para-viver-com-a-namorada.htm#:~:text=Acesso em: 07 out. 2020.>

exemplo, que pertence a uma língua estrangeira. O conhecimento textual também possui serventia, pois ao reconhecer o gênero como hipertexto passa-se também a acionar o conhecimento de mundo que irá possibilitar as realizações de associação e fazer inferências diversas sobre o texto. Assim, levando em consideração o caráter híbrido que o texto possui e seu valor crítico e humorístico, podemos acionar a pluralidade de sentidos que compõem o meme 01. A seguir, analisar-se-á o meme (02)

Figura 03 - Meme 02: Fazer a Kátia



Fonte: Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/HumorGay/photos/a.1287561361261244.1073741852.394803637203692/1619446908072686/?type=3&theater>. Acesso em: 27 jan. 2017.

Em meados de dezembro de 2016, a cantora Ludmilla estava juntamente com amigos em uma praia do Rio de Janeiro quando um grupo de pessoas dirigiu-se a ela a fim de tirar uma foto. Entretanto, aqueles que acompanhavam a artista disseram que aquela moça não era a cantora Ludmilla. Porém, os “fãs” sabiam que se tratava da cantora e insistiram na abordagem, mas Ludmilla afirmou: “Eu não sou a Ludmilla. Meu nome é Kátia⁵”. Isso repercutiu nas redes de maneira viral e resultou na produção de memes diversos envolvendo a situação e a imagem da artista. Observe-se a seguir a manchete do site *Ego*:

⁵ <<https://www.youtube.com/watch?v=JDKTVv2E1Ck>> Acesso em: 19 jun. 2018.

Figura 04 - Ludmilla no site Ego

publicada em 27/12/2016 | atualizada em 27/12/2016

Ludmilla diz que se passou por outra pessoa com medo de ser assaltada

Ao ser abordada em praia no Rio, cantora afirmou que se chamava Kátia e foi criticada nas redes sociais.

Gabriel Castello Branco
Do EGO, no Rio

Nesta segunda-feira, 26, circulou nas redes sociais um vídeo em que Ludmilla aparece se passando por outra pessoa em uma praia no Rio. Acompanhada por amigos, a cantora foi abordada por supostos fãs e disse que não se chamava Ludmilla, mas sim Kátia. Após ser muito criticada e xingada nas redes sociais, Ludmilla mudou seu nome no Twitter para "A Kátia sou eu" e postou em seu perfil no Facebook um vídeo explicando o motivo por ter se passado por outra pessoa.

Fonte: Ego. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/12/ludmilla-diz-que-se-passou-por-outra-pessoa-com-medo-de-ser-assaltada.html>. Acesso em: 19 jun. 2018.

A cantora buscou se retratar dizendo que preferiu omitir ser quem era por medo de ser assaltada. Entretanto, a desculpa da cantora não agradou muito aos fãs. A expressão “Fazer a Kátia” tornou-se meme e passou a tomar o significado a partir da situação comunicativa que teve Ludmilla como personagem-chave. Então, “Fazer a Kátia” significa algo como *fingir ser outra pessoa, não assumir quem se é verdadeiramente*. O dicionário *Aurélia* indica que o termo “Kátia” é um substantivo que indica bebida alcoólica, bem como pode funcionar como adjetivo no sentido de cega, em alusão à cantora Kátia, que é cega, como nas expressões “fiquei Kátia” e “tô Kátia” (VIP; LIBI, 2013). Também podemos observar que o termo se destaca por um caráter midiático, algo que Preti (2010) frisa ao estabelecer que a grande mídia é responsável pela popularização da linguagem gíria.

É a partir da situação de ocorrência que estabelecemos que o leitor/internauta não pode unicamente decodificar a gíria, mas deve estar a par da situação contextual, pois é ela que possibilitará agir diante do texto e assim lhe fará posicionar-se criticamente, podendo estabelecer que a postura da cantora não foi positiva, pois os fãs merecem atenção e respeito. Além disso, destacamos que a propagação da situação enquanto meme dá-se por ser considerado engraçado, assim causa o riso. Afinal, o cômico possui uma relação direta com as situações sociais, é impossível pensar ou abordar o riso sem considerar o contexto, os sujeitos e etc. (SANTOS, 2012).

Por Ludmilla ser uma cantora de gêneros populares como pop e funk, há um enaltecimento social da artista por parte de uma parcela considerável da sociedade. Além disso, a artista é uma mulher, negra e lésbica, logo, suas características são inferiorizadas pelo sexismo, pelo racismo e pelo machismo. Desse modo, sujeitos que também rompem com os padrões hegemônicos da sociedade tendem a se identificar com a artista, seja por sua arte, seja por sua existência social. Assim, Ludmilla passa a ser um exemplo de sujeito que rompe com padrões culturais que foram enraizados como os “corretos”. Nessa direção, o meme enaltece o cômico através de um intertexto, mas não deixa de evidenciar um sujeito necessário para as discussões atuais. Adiante, análise do meme (03):

Figura 05 - Meme 03: Poc



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/hpbrazil/posts/1791286447574311>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Por fim, o meme número três destaca personagens principais da saga Harry Potter. As imagens que compõem o meme são precisamente do filme número um da saga - *Harry Potter e a pedra filosofal* - no qual o personagem do quadro um, Severo Snape, se destaca como um possível vilão, porque há uma relação “tensa” entre os personagens Severo e Harry durante os filmes da franquia. Harry possui em sua testa uma marca que causa dor ao estar próximo de pessoas que tenham relação com a magia negra. Snape foi comensal da morte, daí a sua presença acaba por causar incômodo a Potter.

A partir dessa situação implícita, no meme, recuperada através do filme, passaremos a nos ater ao material linguístico. O termo “poc” faz o papel de vocábulo gírio marcado, pois o mesmo possui caráter criptológico. De acordo com Víp; Libi (2013), o termo originalmente seria poc-poc, isto é, uma constituição composta que tem por significado *bichinha*. A depender do contexto, a gíria poderá indicar um homossexual masculino que seja jovem, isto é, iniciante em ações diante da sua comunidade de prática, mas pode também vir com valor pejorativo. A página *Rasgay*⁶, no Facebook, apresenta a seguinte definição e contextualização para o termo. Vejamos:

Derivada de POC-POC, um termo pejorativo utilizado há décadas no meio LGBT para referir-se à gays muito afeminados, que chamam atenção, tratando-se possivelmente, do barulho do salto batendo no chão. O significado é semelhante ao de “bicha pão com ovo”, porém este se refere à (sic) gays de baixo poder aquisitivo. [...] Até pouco tempo atrás ele ainda era tido como bastante ofensivo, porém hoje parece ter ganhado um novo significado, pois vem sendo utilizado em situações diversas e não só pelos gays, como sinônimo de “amiga”. Afinal,

⁶ Disponível em: https://es-la.facebook.com/rasgay/posts/1976005289357444?comment_id=1977727019185271&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R%22%7D. Acesso em: 26 jun. 2018.

https://es-

aconteceu isso com a palavra viado que hoje é um termo que vem deixando de ser ofensivo (grifos da publicação).

Observa-se, pois, que a ideia de dupla significância para o termo é realmente verídica em meio à comunidade, porque tanto concerne um valor negativo quanto positivo em relação a com quem se fala ou se refere. É válido ressaltar também a redução linguística por qual o termo passou, uma vez que originalmente seria *POC-POC*, que em língua portuguesa remete a uma composição onomatopáica, possivelmente. O processo de economia linguística, assim como todo processo de variação possível pelo qual uma língua pode passar, possibilitou a redução do termo para *POC*.

O personagem Severo Snape age com o intuito de diminuir Harry, neste caso, há uma representatividade social, uma vez que Harry representa aqueles que se sentem acuados e atacados por atitudes de outros LGBTQ+, já Snape representa indivíduos LGBTQ+ que, infelizmente, rechaçam outros gays. Ou seja, o meme é uma crítica a gays que desconsideram outros gays, e isso fica nítido no momento em que Harry diz ser “recalque”, inveja. É então que o riso se estabelece mais uma vez pela quebra do sério, pois Severo é um personagem com características de seriedade que não condizem com o posicionamento presente no meme (03).

É válido ressaltar a presença de elementos mórficos que têm a finalidade de indicar oralidade, como o “ain”, o mesmo seguido da consoante “n” a fim de nasalizar propositalmente e indicar uma característica tida como gay, o uso de elementos que marquem a oralidade é estabelecido por Recuero (2014, p. 46, grifo da autora) da seguinte maneira: “[...] essa linguagem precisou ser adaptada. Em outras palavras, ela precisou incorporar formas de indicar elementos que são essenciais para a ‘tradução’ da língua escrita em língua falada, como elementos que dão dimensão prosódica da fala [...]”, constituindo o que Recuero (2014) chama de escrita oralizada.

Considerações Finais

Ao fim das análises dos memes selecionados, observamos que as gírias utilizadas no *corpus* agem como elemento identitário dos sujeitos LGBTQ+, pois há uma relação direta entre o significado das gírias e os demais elementos que possam constituir o gênero presente. Nessa direção, a identidade linguística dos sujeitos LGBTQ+ é um fato social, uma vez que a linguagem utilizada pelos sujeitos desse grupo específico os diferencia. O preconceito marginalizado não deixa de acompanhar os indivíduos que constituem a comunidade. Entretanto, como indica Paiva (2018), identificar-se com sua linguagem é proporcionar o empoderamento linguístico e sociocultural.

Dessa forma, a atribuição de sentidos nos memes ocorreu por intermédio das relações textuais, ou seja, a capacidade de reconhecer o significado do signo gírio e a capacidade de associá-lo ao recurso imagético presente no gênero. Assim, a linguagem híbrida é parte essencial da composição do gênero e possibilita a constituição estilística e temática do próprio gênero. Optamos pela análise de vocábulos gírios por considerarmos que a partir da linguagem os sujeitos exercem relações de poder, de tal modo que a marginalização da comunidade LGBTQ+ resulta no uso de códigos linguísticos performáticos e nada convencionais. Ao observar a língua em uso, elegemos o meme da internet como *corpus* para análise, pois consideramos não só seu valor viral, mas também

por ser um propagador massivo de informações.

Referências

ALONSO, N. T. de Q. **Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual paulistana**. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BARRETO, K. H. **Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. 2015. 149 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem no Facebook. IN: SHEPHERD, Tania G. SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 77-92.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. v. 7. Tradução Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. (Coleção o homem e a ciência).

ESCALANTE, P. R. P. **O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital**. 2015. 122 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 16. ed. Campinas: Pontes, 2016.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos)

PAIVA, M. N. da S. **Bode Gaiato: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático**. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: LPB, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. IN: SHEPHERD, Tania G. SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 37-54.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANTOS, R. E. dos. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. In: SANTOS, R. E. dos; ROSSETI, Regina (orgs.). **Humor e riso nas culturas midiáticas**: variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 17-60.

SILVA, André L. S. da. **Gíria LGBT como empoderamento linguístico**: a construção de sentidos no gênero “meme”. 2018. 77 f. Monografia (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

VIP, A.; LIBI, F. **Aurélia**: a dicionária da língua afiada. 24. ed. São Paulo: Bispo, 2013.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e Gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 207-220.